

O "TRABALHO" E O "FAZER": REFLEXÕES SOBRE A CRÍTICA ONTOLÓGICA MARXISTA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Es la vida, nuestra vida de todos los días. Las cosas que queremos hacer devienen lo que podemos hacer. En lugar de ser el movimiento de nuestro devenir, lo que podemos hacer depende del dinero, de cuánto dinero tenemos. Es la tragedia de nuestra vida. (HOLLOWAY, 2017, p. 31)

Autor(01): Gabriela Furtado Nascimento

Filiação institucional: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Espaço e Metropolização (NEPEM) - RJ

E-mail: gbfurtadonascimento@gmail.com

RESUMO: Este artigo busca analisar a produção do espaço urbano contemporâneo a partir do diálogo com as categorias de "trabalho abstrato" (referido aqui como "trabalho") e "trabalho concreto" (referido aqui como "fazer"). A busca da relação entre as teorias do espaço e a crítica ontológica marxista é um grito do ser humano fragmentado e frustrado, fruto do processo capitalista que desumaniza as relações sociais e a vida. A riqueza humana, representada pelo "fazer", permite que imaginemos outras formas de existência para além das formas mercadoria. A tragédia está posta, mas entre urgências e utopias encontramos brechas para nos aproximarmos da vida em toda a sua potencialidade.

Palavras-chave: trabalho; produção do espaço urbano; utopia

GT – GT 12: Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica

INTRODUÇÃO

O ser humano contemporâneo se realiza em um mundo onde a mercadoria se apresenta como o centro das relações sociais. O dinheiro, o valor e o mercado são interpretados como a finalidade e a riqueza da vida humana. Esta é a tragédia e a Tormenta¹ que estamos vivemos. Movidos pela frustração, os esforços deste artigo vão na direção contrária dessa máxima capitalista. A busca para irmos além das aparências se concentra em uma pesquisa ontológica e conceitual, que caminha em direção ao resgate do ser humano no centro da realidade social. Perante a vida em crise, diversos são os esforços para restaurar a esperança.

A retomada atual dos escritos de Karl Marx nos ambientes teóricos revela riquezas ontológicas fundamentais a serem analisadas. John Holloway e György Lukács nos apresentam ambiciosas e potentes leituras marxistas que vão em direção a uma crítica profunda do capitalismo. Segundo Holloway (xxx), o livro *O Capital* não é simplesmente uma análise do funcionamento do capitalismo, mas, sim, uma análise da sua crise, da sua fragilidade.

Neste artigo, buscaremos ir ao encontro dos esforços de Lukács e Holloway para retomar a crítica ontológica marxista. Partindo da categoria "trabalho", entendida como categoria fundante do ser social, iremos travar diálogos entre o "trabalho" e o "fazer". Por "trabalho", nos referimos ao conceito de "trabalho abstrato" desenvolvido por Marx; por "fazer", ao conceito de "trabalho concreto". Essa escolha de palavras é justificada pelo desejo de resgatar o pensamento do filósofo John Holloway, desenvolvido sobretudo no livro "Mudar o mundo sem tomar o poder". Ao elaborar conceitos como "fazer criativo" e "poder-fazer", o autor busca analisar as riquezas e as potências exclusivas do ser humano. Somente nós, dentre

¹ No seminário "El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista", realizado em San Cristóbal de las Casas, em maio de 2015, os zapatistas expressaram com o termo "Tormenta" a catástrofe relacionada à violência, à crise social, humanitária e natural produzida pelo capitalismo. Esse termo além de representar a tragédia, também é visto pelos zapatistas como ponto de partida para pensar a esperança, dentro da possibilidade de a Tormenta também ser parte de outro mundo possível, não capitalista.

todos os animais, somos capazes de criar além do que está posto, com uma finalidade transformadora. É nessa riqueza que reside a fragilidade do capital.

Os pensamentos de Marx são valiosos por revelarem a realidade por trás das aparências. Em um mundo tomado pela produção de mercadorias, a capacidade criativa do ser humano extrapola a sua forma. Assim, se representações ontológicas são centrais para a práxis social dos sujeitos, somente uma crítica ontológica pode romper com o círculo vicioso do capital, que frustra os projetos de uma outra realidade possível.

Em um segundo momento, buscaremos identificar as antagonias e contradições entre os conceitos de "trabalho" e "fazer" no cerne da produção espacial urbana em diálogo com as contribuições de Henri Lefebvre e tantos outros teóricos. Acreditamos que se o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade, ao relacionarmos a crítica ontológica marxista com essa interpretação, estaremos refletindo sobre as categorias fundantes do sujeito contemporâneo.

ANTAGONISMOS E DIÁLOGOS ENTRE O "FAZER" E O "TRABALHO"

Pensar sobre o "fazer" e o "trabalho" é uma tarefa radical pois se trata de refletir sobre as raízes do que dá vida à vida, sobre o que e como é viver. Acreditamos que ao dialogarmos com esses dois conceitos é possível existirmos em múltiplas dimensões, pensarmos a partir do reconhecimento de outras realidades. Ao refletirmos sobre o "trabalho" e o "fazer" tencionamos o que existe e o que poderia existir.

Compreendemos estas duas categorias como representantes dos conceitos de "trabalho abstrato" e "trabalho concreto" teorizados por Marx em suas obras. Em suas reflexões, o trabalho é o movimento de modificação da natureza pelo ser humano. Ligado diretamente ao sentido de existência, trabalho é a categoria fundante do ser social, é o vínculo material e objetivo entre o ser humano e a natureza, assinalando a passagem do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 1979, p. 40)

Quando Marx fala da relação entre esses dois conceitos, ele se refere à contradição entre eles. Entretanto, segundo Holloway (2017), há mais do que uma contradição, existe um antagonismo que marca a relação entre o "trabalho" (compreendido como "trabalho abstrato") e o "fazer" ("trabalho concreto"). Ambos se movimentam em direções diferentes. O "fazer" é

um impulso em direção à autodeterminação, e o "trabalho" produz e reproduz a determinação pela lógica do dinheiro.

Diferente de uma simples contradição, o antagonismo é uma relação que existe através da prática social. Quando dois fenômenos sociais se chocam, os mesmos se transformam mutuamente, passa a existir uma relação dialética entre eles. É no processo de realização do ser humano que esses dois conceitos irão se relacionar. Um não é simplesmente o oposto do outro. O "trabalho" existe por e através do "fazer" em uma realidade onde cada um deles se movimentam em direções diferentes. O "trabalho" não é algo automático, é um processo histórico, constantemente repetido e o "fazer" é a força e a riqueza que dá vida à ele.

“Em um mundo baseado em uma conversão do 'fazer' em 'trabalho'" (HOLLOWAY, 2003, p.43), a vida no mundo do capital é marcada pela lógica capitalista de produção. Nessa realidade, as relações sociais tomam forma de relações capitalistas, e os desejos, os prazeres e os sonhos se transformam em mercadorias. Vivemos em uma sociedade movimentada a partir da reprodução dos movimentos do capital, onde o “trabalho” é a principal atividade que perpetua e sustenta essa realidade. No movimento da vida no mundo do capital, o conceito de “trabalho” é entendido como a atividade na qual o ser humano utiliza o seu “fazer” para a produção de uma mercadoria. Presos em um ciclo vicioso parece impossível conceber a vida sem “trabalho”. É preciso trabalhar para ter acesso às necessidades mais básicas. Na realidade que nos é imposta é preciso trabalhar para (sobre)viver.

Já o conceito “fazer” é capaz de abrir caminhos de esperança em direção a outras realidades. Ao entendê-lo como a ação de realização do ser humano, é possível interpretá-lo como a capacidade de nos projetarmos mais além dentro do movimento que nos dá vida. No “fazer” existimos no que parece impossível. Nos projetamos conscientemente para além do que está posto. Ao reconhecermos a potência do "fazer" e ao identificarmos que nós somos os sujeitos desse movimento, começamos a perceber que o capital só se vivifica a partir de nós mesmos. Refletir sobre possíveis impossíveis é nos realizarmos em outras dimensões onde a concepção do que é viver é muito maior do que a luta pela sobrevivência.

Ao olharmos para o “trabalho” enquanto a realização do “fazer” dentro da lógica de produção capitalista, trazemos a dialética entre esses dois conceitos para o interior da realidade do capital. Por vivermos e estarmos envolvidos no movimento capitalista entendemos que é

importante pensarmos nesses dois conceitos dentro dessa dimensão. E também fora dela, no caminho de realidades não capitalistas.

Embora ambos os conceitos representem movimentos, seus fins são distintos. Apenas um representa uma “ação”; enquanto o outro preserva o sentido de “atividade”. Utilizando as contribuições da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro (2012), compreendemos que o “trabalho” é uma atividade pois reitera o que já existe, é a percepção funcionalista do mundo envolvido na reprodução do movimento do capital. Enquanto o “fazer” é descobrir o que ainda não existe, é a ação para algo além do que está imposto. Por isso, segundo ela, “só há potencial libertário na ação e, não, na atividade”. Não podemos pensar o “trabalho” sem o “fazer” mas lutamos para pensar o “fazer” sem o “trabalho”.

“No princípio, era a ação” (GOETHE, 1832). Mas antes da ação está o fazer, como condição e sentido da vida. Assim como uma aranha e uma abelha, somos capazes de colher, tecer e construir. Mas, de fato, somos muito mais que isso. A aranha, por sua vez, é a profissional da costura, fazedora de teias perfeitas e infinitas. Ela reproduz padrões e é assim que vive, produz incessantemente o mesmo trabalho e se dá por contente. Nós podemos também ser profissionais, também reproduzimos padrões, mas a nossa natureza permite que a gente vá além. Na metáfora do que nos diferencia da aranha, Karl Marx deixa claro que possuímos algo a mais. Algo que nos torna sujeitos. Segundo ele,

Uma aranha executa operações que recordam as de um tecelão, e uma abelha deixaria com vergonha, pela construção dos fios de sua teia, muitos trabalhadores da construção civil. Mas o que distingue positivamente a pior arquitetura do melhor trabalho da abelha é que o arquiteto constrói a sua estrutura na imaginação antes de erguê-la de verdade. No final do processo de trabalho, obtemos um resultado que já existia na imaginação do operário, no seu início. (MARX, 1965, p.178)

Podemos dizer que dentro dessa relação entre humanos e animais, os dois são capazes de modificar a natureza para suas próprias necessidades. Temos esse movimento em comum. Mas existe algo que nos diferencia, algo que separa o humano dos animais, o arquiteto da aranha. Segundo Holloway, nós, exclusivamente, somos de fato sujeitos extáticos (2003). Somos seres capazes de pensar além de nossos instintos, nos projetando para algo outro. Não fazemos só com o que está criado, fazemos também com o que ainda não foi criado, articulamos

alternativas com o que pode ser e não só com o que é. Nós não existimos só em, mas também contra e mais além de nós mesmos.

No livro “Mudar o mundo sem tomar o poder”, o autor Holloway faz referência a metáfora da aranha descrita por Marx buscando dar destaque ao fazer criativo dos seres humanos. Diferentemente da aranha, nosso "fazer" possui criatividade. A aranha se fecha em seu círculo perfeito. Nós projetamos de forma consciente algo além do que existe, “vamos contra os limites do fechamento”. (HOLLOWAY, 2003, p.45) Somos capazes de nos movimentar para além da teia. Somos sujeitos, e a aranha, não.

Considerado o “fazer”, temos o “trabalho” como sua suposta forma mercadológica. Nesse processo, a vida humana e sua potência criadora e plural é ocultada e impossibilitada ao ser transformada em movimento para o capital. Outras realidades possíveis e impossíveis se rompem, fazendo com que sequer possam ser imaginadas relações sociais que não sejam mediadas pela forma mercadoria. A vida se fecha em um apertar de botões sem fim.

Marx no capítulo 1 do *Capital* se concentra sobre a forma social da mercadoria, segundo ele “sob o capitalismo tudo é uma enorme coleção de mercadorias” (2011). A mercadoria é entendida como uma forma social onde o produto do nosso trabalho tem como destino o mercado. Ou seja, tudo é produzido com a intenção de troca, venda e compra. Em diálogo com o filósofo marxista, o teórico Jorge Grespan em seu livro *Marx: Uma introdução* destaca ainda que “a mercadoria também é a forma pela qual o sistema se generaliza e se expande, destinando ao mercado todos os produtos do trabalho, uma vez que a fonte criadora desses produtos (a força de trabalho), assume igualmente a forma mercadoria” (2021).

Separados do que consideramos que seja a humanidade, o “trabalho” se realiza a partir da venda do nosso fazer no mundo do capital. Dando sustentação e suporte ao contínuo movimento de produção e de valorização, o “fazer” deixa de ter como propósito sustentar o movimento da vida humana e passa a sustentar a vida no mercado na forma de “trabalho”. Para Marx, “o capital é trabalho morto que só se vivifica vampirescamente, sugando trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais deste sugar” (2011, p. 247, apud. GRESPAN, 1996). Como ilustra a metáfora do vampiro, a vida do capital não é originalmente sua, ele se vivifica a partir da vida do outro. Ao sugar o potencial criativo e a vitalidade que é exclusiva dos seres humanos, o capital ganha vida tornando o outro, um “morto”. Dessa forma, o “trabalho” e o “fazer” passam a fazer parte do capital como um de seus momentos originários. Surgem então, brechas. Não é

verdade que o “fazer” está de fato exterminado, ele é sugado e “morto” mas ainda está presente. O mesmo movimento que dá vida ao capital é ao mesmo tempo a sua principal fraqueza.

O sistema é tal que tudo isso fica ocultado, de cabeça para baixo. No capitalismo, a produção de uma cadeira, por exemplo, é invisibilizada em detrimento do destaque do seu valor de uso. A vitrine dá destaque ao objeto da cadeira enquanto o sujeito que a criou e o seu “fazer” são excluídos. Nesse fluxo é criada uma concepção do “fazer” como algo independente de seu fazedor. Entretanto, a alienação vai além da ocultação individual: o fluxo social envolvido na produção da mercadoria também é ocultado. O indivíduo, já separado do produto que ele próprio produziu, é também separado do seu coletivo, da sociabilidade da produção, e, além de não se reconhecer nele próprio, se vê isolado do fluxo social, da ideia coletiva de um “nós”.

Entendemos o “trabalho” como um fazer alienado; fetichizado; direcionado para um outro; um fazer produto; um fazer para o capital. Segundo Lefebvre, “o trabalho é a aparência alienada das relações sociais” (2008, p.50). A forma em que o trabalho está organizado possui base capitalista. É “a tentativa de imobilizar aquilo que é movimento contra ser imobilizado” (HOLLOWAY, 2003, p.45) É na busca pela imobilização e por caminhos contrários que pensamos o “fazer” a partir do seu sentido amplo, não só como trabalho e tão pouco apenas como condição física. Dentro do processo do capital, o “fazer” se configura como movimento completo da negatividade prática.

Em uma sociedade opressiva, o fazer não é inocente nem positivo: está impregnado de negativismo porque é “fazer” negado, frustrado, e porque nega a negação em si mesmo. O “fazer” é uma ação, transforma, nega o estado das coisas atuais. Em outras palavras, o “fazer” é central em nossa preocupação, não apenas porque é uma pré-condição material para viver, mas porque a nossa preocupação central é mudar a vida para um movimento na direção contrária ao capital. O “fazer” se coloca então como uma projeção prática mais além do mundo que existe, e possibilita traçarmos existências em um mundo radicalmente diferente. "Centrar-se no fazer é, simplesmente ver o mundo como luta" (HOLLOWAY, 2003, p.48)

No jogo de presenças e ausências atribuído por Henri Lefebvre, a representação das coisas passa por esses dois eixos. Algo é em contrapartida do que ele não é. A definição é marcada por um outro. Olhando para a análise do conceito de “fazer” e de “trabalhar” é possível tornar a reflexão das suas representações mais interessante. No caso do “fazer” identificamos a presença de uma potência criadora enquanto lidamos com a ausência, em sua forma pura, do

domínio do capital. Enquanto o “trabalho” se refere a presença do capital e a ausência da potência. Na ausência de outros mundos possíveis, na ausência da identificação de um sujeito, o “trabalho” se move a partir das presenças do “fazer”.

O “fazer” comporta nele mesmo a presença e a ausência do trabalho. Em um mundo do capital o “fazer” é marcado pela sua presença no movimento capitalista, da mesma forma que, em outra realidade possível, ele existe puramente e livremente na “ausência” do trabalho, na sua forma de fazer criativo. A prática negativa do fazer, postulada no não-fazer, simboliza a presença da ausência como uma potência. Negar o que está dado e imposto é fazer, é propor ações além do que as coisas são e criar o princípio da mudança das coisas. O conto de Herman Melville (1853) simboliza essa exata presença na ausência. O personagem Bartleby ao repetir diversas vezes a frase “prefiro não fazer”, nega o movimento do "trabalho". O "fazer" existe na forma de negação, negando a desumanização humana dentro do processo capitalista.

O “trabalho” e suas representações são marcadas pela presença do poder, pela presença da alienação e a ausência de outros mundos possíveis. É no “trabalho” que há a presença do emprego do tempo do relógio. A presença do mercado e da produção em detrimento da ausência de vida. Enquanto a ausência do trabalho no trabalho, nada mais é do que o “fazer”.

O "fazer" não cabe dentro do "trabalho". A atividade criadora humana ultrapassa as formas da mercadoria. A crítica ontológica é um processo de criação de formas sociais. Isso é muito importante pois está dizendo que a organização da atividade humana é o centro de tudo. E não a mercadoria.

O ESPAÇO

No final do século XX e no início do século XXI, o sistema capitalista se vê em uma crise profunda, exigindo novos espaços de circulação para a contínua necessidade de reprodução do processo de valorização do capital. Segundo o filósofo Henri Lefebvre (1991,1999, 2008), a produção do espaço se torna essencial para o capitalismo pois é através dela que a reprodução das relações sociais de produção se expande. Nesse processo, o espaço é inserido na lógica capitalista de produção e é transformado em mercadoria. A partir da produção

do espaço urbano, torna-se possível a circulação e a produção de novos capitais, e, mais do que isso, ocorre a possibilidade de absorção de excedentes do processo de acumulação capitalista.

Henri Lefebvre é fundamental para entendermos as contradições do capitalismo contemporâneo. O teórico dará continuidade às teorias marxistas olhando para uma nova problemática. Ele identifica que a sociedade não é mais essencialmente industrial, mas que caminha para uma sociedade urbana. Dessa forma, o autor busca novas categorias de análise para explicar a realidade principalmente da segunda metade do século XX. Para isso, Lefebvre elabora um movimento dialético de pensamento que ultrapassa a conceituação econômica do capital ao dar destaque também para o cotidiano, indo ao encontro da práxis.

O movimento de produção e reprodução contínuo do capital faz com que a lógica industrial irrompa a fábrica e invada o cotidiano vivido. Esse momento de explosão é central para a teorização da sociedade urbana, pois é dentro desse determinado momento histórico que o urbano irá se configurar. Composto por um salto do movimento das forças produtivas, o urbano não se define por uma morfologia, mas sim como uma prática sensível, por um conjunto de relações sociais e a produção de novos elementos da vida social.

Segundo o teórico, o desenvolvimento da industrialização entrelaça a vida social à lógica capitalista de produção, produzindo rupturas profundas no cotidiano das pessoas. É dentro desse movimento marcado pela simultaneidade e pela reunião que o urbano irá tomar forma. Esse momento crítico sinaliza um debate marxista sobre a relação dialética entre reprodução e produção. A trajetória no espaço-tempo da lógica industrial representa um movimento quantitativo, relacionado à produção de mercadorias, e que ao mesmo tempo se realiza como um momento de reprodução através de um salto qualitativo.

No urbano, o processo de reprodução repete e supera o de produção para além da fábrica. Relações sociais movidas pela forma mercadoria e uma vida marcada pelas relações capitalistas produzem e reproduzem o homem cindido. Ou seja, a urbanização é um movimento que surge da prática e do cotidiano dos sujeitos sociais. Ao invadir os diversos espaços da vida, o ser humano e as relações sociais se (re)produzem sobretudo a partir da mediação dos produtos do capital (mercado, trabalho, dinheiro).

Os conceitos de produção e reprodução são centrais para compreender a obra de Henri Lefebvre. Entende-se que a produção do espaço é anterior ao capitalismo, quando, na história humana e na sua relação com a natureza, deixamos de ser coletores e caçadores a partir da

transformação pelo trabalho e pela cultura. O espaço é então compreendido como produto dessa transformação do homem pela natureza. Da mesma forma, a reprodução é o movimento ao longo da história que acontece através de rupturas, em um trajeto não linear.

É nesse movimento de criação do ser humano, no movimento do concebido, que o real será constituído. O autor ao pensar a sociedade através da atividade produtiva do trabalho, seguindo os caminhos de Marx, irá compreender um movimento duplo e dialético, onde, ao mesmo tempo em que o mundo é produzido a partir da transformação da natureza, o homem também se produz como humano nesse processo.

O entendimento do caráter social do espaço, visto como produto e produtor das relações sociais (LEFEBVRE, 1991), entrelaça o sujeito e o espaço em uma relação indissociável. Dentro dessa lógica, é possível compreender o espaço a partir da relação dialética com o conceito marxista de trabalho, onde a realização humana produz o espaço e vice-versa. Dessa forma, a realidade espacial se dá pela produção e reprodução de formas sociais específicas, realizadas ao longo da história. “Em movimento constante de reprodução, o espaço ganha sempre novos sentidos pela acumulação de trabalho” (CARLOS, 2011). Toma-se assim a produção do espaço como uma produção baseada no antagonismo entre o "trabalho" e o "fazer".

“A produção do espaço situa-se num ponto da história da humanidade quando o trabalho, a sua divisão e a organização do grupo foi suficiente para transformar a natureza em produto humano, desdobrando-se no curso do desenvolvimento social como resultado do trabalho social global. Essa é a tese que sustenta a produção do espaço. Dessa feita, a cidade, produto do desenvolvimento do trabalho social sobre a base de produção de mercadorias (produção capitalista), torna-se, também, produto mercantil em toda sua extensão. A lei do valor cria/redefine os horizontes reais e concretos da realização da vida e redefine também o acesso ao solo urbano como uma das formas de riqueza, criando as condições segundo as quais sua própria existência ganha forma e conteúdo da mercadoria” (CARLOS, 2011, p.99)

Nesse processo, a potência do "fazer" humana é ocultada e transformada em "trabalho". Produzido com a intencionalidade de ser consumido no mercado, e fruto do movimento do "trabalho", o espaço urbano torna-se mercadoria, e nessa condição, traz por exigência, condições específicas que determinam seu uso e suas formas de acesso. (CARLOS, 2011, p.92)

Espaços pensados para a especulação imobiliária, espaços de gentrificação e espaços amnésicos passam a dominar os modelos de produção espacial.

O espaço, uma vez entendido como mercadoria a partir do movimento do “trabalho” não é uma simples mercadoria. A posse de determinada porção do mundo regulamenta os acessos e os usufrutos da vida. O consumo, ao mesmo tempo em que é condição da realização espacial é ao mesmo tempo a condição do uso para a vida humana. Nessas formas, o espaço é distanciando do “fazer” criativo e pautado e produzido a partir do movimento do “trabalho”. Os espaços que queremos, ligados a uma ação transformadora e ativa ficam subjugados ao espaço que temos e que “trabalhamos”. Trazendo a análise dos conceitos do “fazer” e do “trabalho” para o pensamento da produção do espaço surgem indícios de que se ao produzirmos o espaço, produzimos a nós mesmos, logo, ao produzirmos diferentes espaços, produzimos vidas mais potentes e criativas.

O antagonismo entre as categorias de “trabalho” e “fazer” se coloca sempre presente na realização da existência humana. E na produção espacial, não seria diferente. O “fazer” a partir do seu caráter transformador e criativo não se contém nas formas da mercadoria. Em meio a mercadificação do espaço e da vida, o “fazer” se realiza nos becos, nas praças, nos bares, nas casas e nos espaços públicos. Em meio aos grandes e poderosos arranha-céus em um mar de avenidas largas, a vida se realiza a partir do “fazer”.

Los seres humanos somos un sujeto frustrado, pero no por una fuerza externa, sino por nosotros mismos. Ahí está la fuerza de la esperanza por la que puede ser posible crear otro mundo. Los Manuscritos de 1844 sugieren que el centro de esta autofrustración es el doble carácter del trabajo. (Holloway, 2017, p.28)

Buscar uma relação entre a crítica ontológica marxista e a produção do espaço é perceber que se produzimos o espaço que nos produz, logo, podemos produzir de outra maneira o espaço e a nós mesmos. A autofrustração é fruto do duplo caráter do conceito marxista de trabalho. Assim, ao teorizarmos sobre o “trabalho” e o “fazer”, criamos formas de buscar respiros em meio a tragédia do capital. A importância de teorizar o espaço a partir de uma perspectiva crítica reside na possibilidade da produção de espaços de esperança. Espaços onde a realização da vida não é, ao menos inteiramente, produzida através das lógicas capitalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU, INSURGÊNCIAS E CAMINHOS CONTRÁRIOS

Nas ruas, nas praças, nas favelas e nas universidades, a busca por formas de enfrentamento à exclusão do “fazer” na produção do espaço e da vida produzem movimentos. Movimentos sociais ocupam as ruas com seus fazeres criativos, usando do espaço do encontro, um espaço para reafirmar seu lugar de sujeitos e compreender a potência que nós, sociedade, temos em relação à produção do espaço que habitamos. Os exemplos de manifestações da luta pelo direito à cidade são muitos e ao redor de cidades do mundo todo.

São percebidas insurgências de diferentes escalas e tamanhos, no cotidiano, em cada pequeno aspecto da vida, mas também movimentos que param cidades inteiras. Esses gritos contra nos mostram que algo além do que nos é imposto já existe em nossas subjetividades e em nossas mentes. Movimentos como “Passe Livre”, “Primavera Árabe”, “Occupy Wall Street”, “Indignados” e os protestos de 2021 no Chile expressam diferentes lutas contra o sistema capitalista contemporâneo. Toma-se o espaço como forma de contestação e rebeldia, destacando a impossibilidade da vida em uma realidade urbana em crise.

Girando o mundo de ponta cabeça, e procurando olhar para o cerne alienante do capital, começamos a identificar brechas possíveis no meio desse sufocante sistema. Enquanto para Marx o capital se vivifica ao sugar o vivo, nós somos a fonte da vida. Pensamos que dependemos do dinheiro para sobreviver, mas, em outra dimensão, podemos pensar que o capital é quem depende da vida para existir.

Ao evidenciar a capacidade criativa do fazer do ser humano como uma possibilidade de ir além das relações capitalistas atualmente impostas, criam-se novos movimentos de humanização e subjetificação no ser e no espaço. Mudar a vida radicalmente seria estabelecer relações sociais não mediadas pela forma mercadoria. Os Situacionistas, dialogando com o que propomos aqui, sonhavam com o fim do trabalho e a realização da vida como poesia. Que a utopia continue.

Mas as coisas não são simples e fáceis. A urgência produzida pelo modo como o capitalismo se reproduz entrelaça o ser humano e a estrutura do capital; sobreviver é mais urgente do que viver. Estar preso na urgência dá passos para a hegemonia da urgência. O caminho para um “fazer” livre do “trabalho” é complexo. Compreendemos que a revolução não virá de uma hora para a outra, nem a partir de determinado momento. É preciso enxergá-la como processo.

No caminho pelo resgate da vida e da dignidade humana o que parece contraditório ganha potência criativa. Em julho de 2021, a Argentina passa a considerar o cuidado materno como “trabalho” e garante direito à aposentadoria de 155 mil mulheres. Segundo a Administração Nacional de Seguridade Social (ANSES) do país, o programa visa reparar parte das desigualdades estruturais que as mulheres enfrentam ao longo da vida e que derivam, muitas vezes, da sobrecarga de tarefas domésticas e das desigualdades do mercado de trabalho (Opera Mundi, 2021). Vemos nesse caso que a luta pelo reconhecimento do “trabalho” garantiu e garantirá à milhares de mulheres o direito ao “fazer”.

O Capital é uma obra de esperança, muito necessária nesses tempos desesperançosos que vivemos. Nesses tempos de Tormenta. Vivemos, como Marx, em um mundo de injustiça e violência e não encontramos saída. Participamos e estamos rodeados por lutas que às vezes tem êxito, mas que não parecem afetar as tendências gerais de um mundo pior. Um mundo que parece se dirigir em direção a auto aniquilação da humanidade. Marx responde dizendo que todas essas injustiças que nos causam raiva são parte de uma agressão sistemática contra a humanidade (contra os humanos-criadores). HOLLOWAY (2017, p.58)

Mas, ao mesmo tempo, segundo Holloway, Marx afirma que esse sistema de agressão possui o seu centro de crise (uma falta, uma debilidade, uma ruptura) que nos indica a presença ativa de uma força antagônica que empurra em direção a outro mundo, para outra organização da sociedade.

É preciso tensionar urgências e utopias. Presos em um dia a dia sufocado pela ordem do “trabalho”, precisamos olhar para a utopia como possibilidade. Exercitar crítica e desejo, promover encontros e a existência de outras realidades possíveis. Entre o “fazer” e o “trabalho” precisamos de “um mundo onde seja possível que existam muitos mundos” (KRENAK, 2019)

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A condição espacial. São Paulo, Contexto, 2011.

GRESPLAN, J. A desmedida da crise. In: Revista Discurso, 1996.

_____. Marx: Uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2021.

HARVEY, David. Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 296 p.

_____. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HOLLOWAY, John. Mudar o mundo sem tomar o poder. São Paulo: Viramundo, 2003.

_____.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 1983.

_____. The production of space. Oxford, UK: Blackwell, 1991.

_____. Espaço e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Elias Lopes de. Encruzilhadas Geográficas: notas críticas sobre a compreensão do sujeito em geografia. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013

LUKÁCS, G. Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. O capital. Vol. I. São Paulo: Boitempo, 2011.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens lentos, opacidades e rugosidades. Redobra, n.9, 2012.